

COMUNICAÇÃO

CRIATIVIDADE COMO FACTOR DE EMPOWERMENT

Márcia Píramo Coelho Machado*

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a possibilidade de se pensar a criatividade como um recurso de expressão pessoal consciente e integrado, um exercício de se perceber e perceber o entorno com um olhar mais atento e consciência crítica, que permita encontrar soluções diferenciadas para questões individuais e colectivas. Convida a pensar a criatividade como um factor de *empowerment*, uma possível saída para o desenvolvimento de uma cidadania com consciência.

Abstract

The present work is a reflection on the possibility of seeing creativity as a conscious and integrated resource of personal expression, an exercise of one's internal and external understanding through a sharper and more critical perspective, aiming to bring new solutions for individual and collective problems. An invitation to thinking creativity as an empowering factor, another possible path for the development of a more conscious citizenship.

Quero agradecer pelo convite que me foi feito, para participar das IX Jornadas da Abordagem Centrada na Pessoa, com a minha modesta contribuição; é uma honra estar aqui neste momento.

Convido a todos os presentes para um exercício de reflexão sobre a criatividade, aqui entendida como factor de *empowerment*. E por que a criatividade?

A questão da criatividade surgiu em minha vida há cerca de vinte anos, num momento de grande insatisfação profissional. Era uma inquietação da ordem do existir. Comecei então a me questionar sobre o que eu realmente gostaria de fazer, o que me deixaria realmente feliz e apaziguada, realizada pessoal e profissionalmente.

Decidi-me pela arte, num primeiro momento, e me especializei em escultura. Aos poucos fui percebendo que, ao criar, falava de mim, daquilo que me sensibilizava. Ao criar, partia sempre de um referencial interno, e tinha imenso prazer e entrega. Mas percebia que outras tantas pessoas sentiam-se bloqueadas, ansiosas, impotentes, considerando o ato de criar como um “dom” inatingível. Comecei a pesquisar o assunto e anos depois especializei-me em Arte-educação e Arteterapia.

* Psicóloga, Arte-educadora e Arteterapeuta

Fiz essa pequena incursão pela minha vida profissional para vos dizer que falo a partir de um lugar da ordem do vivido, do experienciado, e que esta comunicação, antes de ser um estudo teórico, é um convite à reflexão e partilha, uma tentativa de compreensão do conceito de criatividade – se é que se pode dizer que há um consenso sobre isso – de sua aplicação na resolução de problemas na vida quotidiana e sobre os factores que possam intervir no pleno exercício do potencial criativo, seja para impedir, seja para facilitar a sua expressão.

Começamos pela indagação:

O QUE É ISSO, A CRIATIVIDADE?

Quando se fala em criatividade, algumas ideias preconcebidas afloram, como, por exemplo, a de que a criatividade se restringe à criação no domínio das artes plásticas e literárias. Ou que pertence à categoria dos génios, aqueles responsáveis pelas descobertas científicas e, mais recentemente, tecnológicas. Ou que a criatividade seria algo inato, um dom especial, de origem genética, ou ainda alguma coisa da ordem do divino. Há também os que associam a criatividade a alguma espécie de desajuste, e, quando ligada à arte, a uma forma de loucura.

Muitos tentaram compreender este fenómeno e o conceito ou conceitos sobre a criatividade modificaram-se ao longo dos tempos.

O tema já aparece em textos gregos e judaico-cristãos antigos. Era a princípio uma abordagem mística. Depois, à época do Renascimento, estava intimamente ligada à expressão artística, literária, filosófica e científica.

Com Descartes (1596/1650), tivemos o dualismo mente-corpo, em que as ideias seriam alguma coisa inata, fruto de uma intuição muito desenvolvida.

Algumas abordagens biológicas apontaram para a possibilidade de a criatividade ter origem genética.

Freud (1908/1959) entendia que a criatividade pode resultar de uma tensão entre realidade consciente e pulsões inconscientes, e parece ter sugerido que os artistas e os escritores criam para conseguir expressar seus desejos inconscientes (amor, poder, por exemplo) pelos meios culturalmente aceitáveis (arte ou literatura). (Lubart, T. 2003:13)

Dentro do enquadre da psicologia gestáltica, Wertheimer (1880/1943), entre outros, percebeu a criatividade como a procura de uma solução para uma *gestalt*. Assim, a pessoa criativa seria aquela que percebe o problema como um todo, as forças e tensões dentro da dinâmica do problema, e tentaria achar as soluções mais apropriadas para suprir as falhas na informação e restaurar a harmonia do todo. (Weschler, 2203:29-30)

Todd Lubart, Prof. de Psicologia na Universidade René Descartes, Paris 5, em seu livro Psicologia da Criatividade (2003:16), aponta uma definição nos termos

da actualidade, e que é relativamente consensual, admitida pela maior parte dos investigadores:

A criatividade é a capacidade de realizar uma produção que seja ao mesmo tempo nova e adaptada ao contexto no qual ela se manifesta. (Amabile, 1996; Barron, 1988; Lubart, 1994; Mackinnon, 1962; Ocshe, 1990; Sternberg e Lubart, 1995)

Podemos entender que uma produção nova é original quando se distingue pelo assunto ou pelo facto de que outras pessoas ainda não a realizaram. E quando se diz que a produção criativa é adaptada ao contexto, significa que ela deve satisfazer diferentes dificuldades relativas à situação em que a pessoa se encontra e às necessidades do contexto social.

Actualmente entende-se que a criatividade não se limita ao campo das artes plásticas ou da pesquisa científica e tecnológica. Ela nos é exigida no nosso contexto diário, seja na família, na escola, no trabalho, em situações de lazer, dentre outras. Por isso, pode também ser compreendida como uma habilidade para a resolução de problemas.

ROGERS E A CRIATIVIDADE

Rogers define o ato de criar como um processo de um indivíduo que é único:

Minha definição do processo criativo é que se trata da emergência na ação de um novo produto relacional que provém da natureza única do indivíduo, por um lado, e dos materiais, acontecimentos, pessoas ou circunstâncias da sua vida, por outro. (2001:406)

E considera que a causa principal da criatividade parece ser a tendência do homem para se realizar, para vir a ser as suas potencialidades.

Com isto, quero indicar a tendência directriz, evidente em toda vida orgânica e humana, de se expandir, de se estender, de se desenvolver e amadurecer – a tendência para exprimir e para pôr em ação todas as capacidades do organismo ou do eu. (2001:407)

Portanto, para Rogers, a criatividade é uma tendência do ser humano à auto-realização. Se assim é, esbarramos na questão: por que algumas pessoas se sentem incapazes de criar? O que as impede de fazer contacto com esse potencial criador?

O QUE PODE IMPEDIR O PLENO EXERCÍCIO DA CRIATIVIDADE

Existem algumas variáveis influenciadoras que podem de alguma maneira impedir que as pessoas atinjam o pleno desenvolvimento de sua potencialidade criadora. São barreiras culturais, perceptuais e emocionais, que abordaremos a seguir.

Segundo Wechsler (2002), os bloqueios ao pensamento e ao comportamento criativo provêm muitas vezes da própria sociedade, que pune ou exclui o diferente. O indivíduo que diverge das normas impostas pela sociedade

incomoda, quebra as estruturas, e não interessa ao sistema vigente, seja ele qual for. Ora, uma das características do indivíduo criativo é justamente ter ideias pouco comuns, ainda não pensadas pela maioria. Além disso, é ele quem percebe primeiro as falhas do sistema, sente que precisam ser corrigidas e, para isso, precisa ter independência de opinião.

Dentre as **barreiras culturais** que impedem a manifestação da criatividade, destacam-se as seguintes, de acordo com Jones (1993), citado por Wechsler:

- orientação para a estabilidade;
- punição ou exclusão daquele que diverge da norma;
- valorização da lógica e descrédito da intuição;
- preferência pela tradição e não pelas mudanças;
- medo do ridículo;

Uma lista de frases ou comentários que se ouvem, frequentemente, ao se tentar implementar ideias novas no ambiente de trabalho ou entre amigos foi elaborada por Isaken & Treffinger (1985) e poderia ser intitulada :

COMO DESESTIMULAR IDEIAS CRIATIVAS E MANTER A MESMICE:

- Esta ideia é ridícula.
- Nunca tentamos isso antes.
- Vai custar muito caro.
- Este problema não é nosso.
- É uma mudança muito radical.
- Nós não temos tempo.
- Somos muito poucos para fazer isto.
- Não é prático para a nossa situação.
- Do jeito antigo sempre deu certo.
- Não estamos prontos para isso.

Dentre as **barreiras perceptuais**, as que mais trazem bloqueios à criatividade, segundo Wechsler (2002), são:

- dificuldade de perceber ou de ser sensível a problemas;
- busca de soluções rápidas e imediatas;
- pensamento rígido;
- inabilidade de ver problemas sob um novo enfoque;
- dificuldade em suspender julgamentos e críticas.

Algumas **barreiras emocionais** vão se constituindo ao longo da história de vida da pessoa, dependendo de sua interação com a família ou com os diversos grupos com os quais se relaciona, como escola, trabalho e afins. Essas barreiras são um grande impedimento para o comportamento criativo. Relacionamos algumas:

- Medo do fracasso → não se arriscar, tentar menos para não sofrer ou ter vergonha.
- Medo de brincar → estilo sério e lógico de resolver problemas; medo de parecer ridículo por estar fazendo algo diferente.

- Miopia de recursos → não conseguir perceber seus aspectos positivos, persistir em comportamentos que não têm mais função, não questionar as próprias atitudes.
- Fuga da frustração → abandonar muito rápido um problema diante de obstáculos, evitar o desconforto que acompanha as mudanças e situações novas.
- Medo do desconhecido → medo de situações ambíguas, onde não exista probabilidade certa de sucesso.
- Intolerância à desordem → todo processo criativo passa por um período de caos inicial, até que a compreensão do todo se estabeleça.
- Medo de perder o controle → dificuldade de deixar tempo para a incubação das ideias ou para que as coisas aconteçam naturalmente. Descrença na sua capacidade e na dos outros.

Todos esses bloqueios, reunidos ou separadamente, levam o indivíduo a ter medo de se arriscar, e a coragem de arriscar é fundamental para a criatividade.

O QUE PODE FACILITAR O PLENO EXERCÍCIO DA CRIATIVIDADE

Isto posto, vamos reflectir sobre o que poderia favorecer o pleno exercício da criatividade.

Rogers (1961) aponta na pessoa criativa algumas características, como:

- abertura à experiência, que implica uma perda de rigidez e uma permeabilidade maior nos conceitos, nas opiniões, nas percepções e hipóteses,
- maior tolerância às ambiguidades,
- uma confiança nos próprios pensamentos e sentimentos,
- um centro interior de avaliação,
- uma capacidade para lidar com elementos e conceitos.

Alguns traços de personalidade, portanto, poderiam, em princípio, favorecer a expressão criativa e, aliado aos traços de personalidade, encontramos o componente emocional, que é a motivação para criar, a paixão pela tarefa ou a coragem de ousar.

Rogers diz ainda que o indivíduo, ao criar, é movido pela satisfação pessoal, “o indivíduo cria primariamente porque isso o satisfaz, porque esse comportamento é sentido como auto-realização. (2001:408), ou seja, a motivação intrínseca está presente no ato de criar.

Criar é, portanto, prazeroso. É permitir-se brincar com as ideias. Nachmanovitch (1990: 49), em seu livro Ser Criativo, afirma que o divertimento é sempre uma questão de contexto. Não depende do que fazemos, mas de como fazemos. E mais:

Brincar é libertar-se de restrições arbitrárias e expandir o próprio campo de ação. A brincadeira possibilita uma maior riqueza de reacções e melhora nossa capacidade de adaptação. Esse é o valor evolucionário

da diversão – ela nos torna mais flexíveis. Ao reinterpretar a realidade e criar coisas novas, nos protegemos contra a rigidez. (...) Brincar é ter o espírito livre para explorar, ser e fazer por puro prazer.

Além de prazeroso, o ato de criar pode ser um recurso de expressão pessoal consciente e integrado, uma forma de estar actuante, atenta e participativa.

CRIATIVIDADE, CONTEXTO SOCIAL E EMPOWERMENT

O factor ambiente também precisa ser considerado quando se fala em criatividade. É difícil tentar ser criativo num ambiente onde se privilegie o já estabelecido, que reprima o que é diferente e inovador.

A família desempenha papel importante para o desenvolvimento do potencial criativo, e vários estudos têm sido feitos para buscar identificar o tipo de educação poderia resultar em maior grau de criatividade. Não vou me alongar quanto ao papel da família e da escola, pois demandaria muito mais tempo de reflexão do que dispomos neste momento.

Gostaria de convidar-vos a reflectir sobre a criatividade da pessoa adulta em situação de trabalho e na sua interacção interpessoal quotidiana. No adulto, o tipo de actividade profissional vai determinar, em parte, as possibilidades de exercer o potencial criativo em maior ou menor grau, mas, mesmo quando o trabalho exige uma certa repetição ou rotina, há situações no contexto do trabalho que podem abrir espaço para o exercício da criatividade, e o grande erro é se atribuir unicamente ao elemento que ocupa um cargo hierarquicamente mais elevado a responsabilidade para encontrar a solução dos problemas que surgem no dia a dia.

Diante de um problema, via de regra as pessoas se detêm na queixa, na insatisfação; sabem o que lhes falta para desempenhar um bom trabalho. Mas esta pode vir a ser a primeira etapa de um processo criativo para a transformação daquela realidade.

A partir do que falta, a pessoa pode optar: ou fica na queixa, naquilo que falta, ou busca as soluções. Uma vez encontrada uma solução inovadora, acontece o segundo desafio, um segundo momento, onde muitos desistem diante das dificuldades. É preciso superar obstáculos, convencer os colegas e os superiores sobre a validade da sua ideia que pode resultar em benefício para todos.

Esta situação se estende à nossa vida enquanto cidadãos: convivemos com dificuldades e entraves no nosso entorno, seja nas relações comerciais, na prestação de serviços, nas relações familiares e com amigos e conhecidos.

Enquanto cidadãos, podemos cruzar os braços e deixar que as pessoas que detêm oficialmente o poder resolvam as questões e nos acomodar na posição passiva de vítimas das circunstâncias. Ou podemos buscar nos informar

melhor sobre o que se passa e buscar uma participação consciente e integrada.

O conceito de *empowerment* vem de encontro a essa expressão pessoal consciente e integrada, um exercício de se perceber e de perceber o entorno com um olhar mais atento e consciência crítica, que permita encontrar soluções diferenciadas para questões individuais e colectivas. E isso é criatividade.

Porque a criatividade, em última instância, é a nossa expressão pessoal na vida, é o exercitar pleno e maduro da nossa potencialidade enquanto pessoas.

O *empowerment* é aqui considerado não só no âmbito do individual, como também no âmbito do colectivo. Ao pensar a criatividade como factor de *empowerment*, não penso adoptar uma postura filosófica que privilegie o fortalecimento do indivíduo mas ignorando que este indivíduo encontra-se inserido num contexto social, pois, a meu ver, uma postura alienada a esse contexto não faz sentido.

Iniciei este pronunciamento dizendo que falaria a partir de um lugar do experimentado e do vivido. Quero partilhar uma experiência profissional acontecida nos anos de 1999 a 2007, na cidade em que resido no Brasil, Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais.

Trata-se do Programa Educação para a Vida (PEV), que é um projecto do Instituto Félix Guattari, Organização Não Governamental filiada à Fundação Gregório Barenblatt. É uma organização sem fins lucrativos, de utilidade pública e integrada ao Terceiro Sector. Seus trabalhos priorizam o desenvolvimento de actividades que visam a transformação social.

No período em que ali estive, dando minha contribuição voluntária, o PEV atendia, em média, a 150 educandos egressos do CEPEP (Centro Educacional Professor Estevão Pinto), na faixa etária de 11 a 17 anos. Seu objectivo era proporcionar um espaço complementar à escola que, além de educativo, pudesse oferecer momentos de lazer, de socialização e de aprendizagem para a vida.

O PEV funcionava no chamado Casarão, que é a casa onde morou o Professor Estevão Pinto, advogado e professor de renome, que em vida desenvolveu acções sociais de amparo a pessoas carentes. É uma casa ampla e com muito espaço externo, conservada com grandes dificuldades financeiras. Contava com parcerias da Prefeitura de Belo Horizonte e do Fundo Cristão para Crianças, mais o trabalho de profissionais contratados e o apoio de alguns voluntários, mas, mesmo assim, resistia bravamente à falta de recursos financeiros e de mobiliário para executar suas actividades a contento.

O Programa Educação para a Vida dividia-se em dois sub-projectos: o Projecto Brincando e Aprendendo, para a faixa etária de 11 a 14 anos e o Grupo de Jovens, de 14 a 17 anos. Os adolescentes frequentavam o Casarão duas vezes por semana, em horário complementar à escola, participando de actividades diversas, como oficinas de arte e artesanato, Oficina do Saber (na

qual, através de brincadeiras, jogos e dinâmicas, o adolescente vai assimilando conteúdos educacionais), trabalhos em grupo, a prática de esportes, entre outras.

O jornal produzido no Casarão envolvia toda a comunidade de adolescentes e educadores. Eram eles que produziam e digitavam as matérias. Era uma forma de aplicação prática das noções de informática que ali recebiam, além do cultivo do hábito de pensar e redigir temas eleitos por eles em conjunto. A produção gráfica era feita com o apoio de uma agência de comunicação local.

Os adolescentes que participavam do Grupo de Jovens eram encaminhados à ASSPROM (Associação de Protecção ao Menor), que oferece treinamento e inserção no mercado de trabalho, e ao CIEE (Centro de Integração Estudante-Empresa).

O PEV adoptava como filosofia de trabalho a discussão e partilha de temas de interesse dos adolescentes que frequentavam o Casarão. Todas as actividades iniciavam-se com uma roda de partilha e o dia era fechado também na roda de partilha e avaliação.

Prestei a minha colaboração ao projecto em vários momentos, entre 1999 e 2007, primeiro habilitando alguns educadores na técnica da cerâmica e da escultura, depois atendendo adolescentes através da arteterapia e por último com uma oficina em que utilizava a Abordagem Centrada na Pessoa para propiciar aos participantes do Grupo de Jovens (entre 16 e 18 anos) uma reflexão sobre suas habilidades potenciais e opções de inserção no mercado de trabalho ou escolha de continuação dos seus estudos. Muitos desses jovens que vi crescer ingressaram em cursos técnicos, Universidades ou no mercado de trabalho, alguns tornaram-se educadores do Programa, e um deles é hoje coordenador em outro projecto social.

O que se buscava, no PEV, era funcionar como agentes de transformação, não só possibilitando aos adolescentes um melhor conhecimento de si e o desenvolvimento de auto-estima e autoconfiança, mas também uma ampliação de suas habilidades cognitivas e relacionais e, sobretudo, um incentivo ao despertar da consciência crítica que poderá vir a ser sua aliada na vida adulta.

CONCLUSÃO

Concluindo minha participação, é neste ponto que vos convido a reflectir sobre uma questão que considero importante. Penso que, enquanto profissionais da Psicologia, podemos ser instrumentos para que as pessoas venham a descobrir e a realizar seu potencial e, conseqüentemente, seu *empowerment* psicológico. Não se trata, no entanto, de uma postura ingénuo de confundir o sentimento de poder com uma existência efectiva de poder para mudar realidades macrossociais, na medida em que a maior parte da nossa vida é controlada por políticas decididas no âmbito do macro.

Uma mudança efectiva na desigualdade social existente no meu país, por exemplo, só acontecerá na medida em que forem discutidas as raízes do problemas e apontadas soluções alternativas para as atuais políticas públicas. Um projecto de transformação demanda mais do que discursos vazios e eleitoreiros contra a pobreza, há que surgir atitudes que possibilitem uma real mudança nas determinações macro e microssociais da desigualdade social.

Entendo que, embora o desenvolvimento da consciência crítica nos indivíduos não seja suficiente para a transformação da sociedade, ele é imprescindível para que ela ocorra. E que a criatividade, utilizada como expressão pessoal mais efectiva, é grande recurso de *empowerment* pessoal e colectivo, e uma possível saída para o desenvolvimento de uma cidadania com consciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Kneller, G. F. (1994) *Arte e Ciência da Criatividade*. 12^a. ed. São Paulo: Ibrasa.

Lubat, T. (2007). *Psicologia da Criatividade*. (M. Moraes, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

Nachmanovitch, S. (1990). *Ser Criativo: o Poder da Improvisação na Vida e na Arte*. São Paulo: Summus Editorial.

Rogers, C. (2001) *Tornar-se Pessoa*. 5^aed. (M. Ferreira e A. Lamparelli, Trad.).São Paulo: Martins Fontes.

Wechsler, S. M. (2002). *Criatividade: Descobrendo e Encorajando*. 3^a. ed. Campinas: Editora Livro Pleno.